

O significado musical para adolescentes e jovens em cumprimento de medida socioeducativa de internação na unidade de internação do Recanto das Emas - Distrito Federal

GTE 24 - Sociologia da Educação Musical

Comunicação

*Walter de Sousa Silva
Universidade de Brasília
Waltssilva@yahoo.com.br*

Resumo: Esta comunicação apresenta um recorte de pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso cujo objeto de estudo foi o significado que os jovens atribuem à sua experiência musical. Assim, objetiva investigar como os estudantes percebem a sua experiência musical nas oficinas de música da Unidade de Internação do Recanto das Emas – UNIRE. O conceito de significado musical e o modelo sociológico da experiência musical total desenvolvido por Green (1997, p.30) é o aporte teórico deste estudo. Para responder ao objetivo proposto foi realizada pesquisa qualitativa com a utilização de técnicas de entrevistas individual e grupal. Após a transcrição e a análise das entrevistas, os resultados foram organizados em categorias a partir da interpretação dos dados gerados e de sua relação com o modelo sociológico de Green. Dentre os resultados foram revelados elementos intersônicos na prática musical de técnica vocal e instrumental, de arranjo e de orquestração, de estruturação de estilos musicais, de forma musical e de leitura musical. Observei também elementos delineados relacionados com contexto social, sentimentos e emoções e conexão com a música. A análise dos dados revelou também valores pessoais e sociais associados à prática musical como propósito de vida, distração, prazer, potencial terapêutico, autocrítica, autovalorização, reconhecimento e identificação com mensagens nas letras de canções. Considero que este trabalho pode orientar futuras investigações acadêmicas que se disponham a estudar a relação entre aprendizagem musical e socioeducação.

Palavras-chave: Socioeducação. Educação Musical. Significado musical.

1 Introdução

A Unidade de Internação do Recanto das Emas (UNIRE) é o contexto desta pesquisa. Essa unidade se situa na Região Administrativa do Recanto das Emas, no Distrito Federal. Ali são executadas as medidas de internação de cerca de 150 jovens, entre 18 e 21 anos. Considerando esse contexto, este trabalho tem por objeto de estudo o significado o significado que os jovens participantes das oficinas da UNIRE atribuem à sua experiência musical, a partir de uma interpretação pessoal do modelo sociológico de Lucy Green. Na

minha experiência como instrutor e professor nas oficinas musicais na UNIRE, tenho observado diferentes significados elaborados pelos jovens quando participam das oficinas de música: para alguns as oficinas são uma oportunidade de aprendizado musical e/ou uma possibilidade de aprender uma atividade que pode se desenvolver como profissão. Por outro lado, observo que para outros jovens as oficinas enfatizam valores associados ao lúdico e à função terapêutica na interação com a música.

Ao refletir sobre essa observação, comecei a questionar: que significados podem estar relacionados às práticas musicais? Até que ponto o domínio dos elementos musicais gerar novos significados? Que outros significados e valores emergem das práticas musicais nas oficinas? Essas reflexões me levaram a desenvolver Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Música orientado pela seguinte questão: Como os jovens em medida socioeducativa na UNIRE percebem a sua experiência musical nas oficinas de música? Assim, foi realizada pesquisa com o objetivo de investigar como os jovens em medida socioeducativa na UNIRE percebem a sua experiência musical nas oficinas de música. Os objetivos específicos visaram: identificar quais significados podem estar relacionados às práticas musicais; observar até que ponto o domínio dos elementos musicais pode gerar novos significados e descrever outros significados e valores que emergem das práticas musicais nas oficinas.

Para atingir os objetivos propostos, a pesquisa de TCC se fundamentou no modelo sociológico de atribuição de significado musical desenvolvido por Green (1997, p. 30-32), em que a pesquisadora delimita dois tipos de significados musicais: intersônicos (relação entre elementos musicais) e delineados (aspectos socioculturais e emocionais relacionados com a música).

Esta comunicação apresenta um recorte da pesquisa de TCC e está estruturada em cinco seções. A introdução, seção 1, apresenta o contexto da pesquisa e seus objetivos. Na seção 2, é apresentado o modelo da experiência musical total de Lucy Green. Na seção 3, metodologia, discorrerei sobre a técnica de entrevista e os significados inerentes e delineados. Os resultados são apresentados na seção 4, com um breve relato das práticas musicais nas oficinas de música. A seção 5 apresenta as considerações finais.

2 Significado da música sob a perspectiva de Lucy Green

A pesquisadora e educadora musical Lucy Green tem investigado e desenvolvido trabalhos na área de sociologia da educação musical, em que se destacam temáticas como

significado musical, autonomia musical, música popular, aprendizagem informal, novas pedagogias, entre outros. Quanto ao significado musical, Green (1997, p. 30) afirma que a elaboração social do significado musical leva em consideração fatores intersônicos (ou inerentes) e delineados.

O elemento intersônico se refere às inter-relações entre materiais sonoros constitutivos da música e como esses materiais são organizados de modo a serem compreendidos pelo ouvinte, tanto individualmente, como a partir das relações que se estabelecem entre esses materiais (GREEN, 1997, p. 27-28). O fator delineado do significado, por sua vez, se refere aos elementos extramusicais. É possível, por exemplo, observar o modo de produção da obra; a estratégia de divulgação e distribuição; a imagem sociocultural do intérprete; o grupo social a que se destina a música, bem como, a recepção à obra musical. Esses elementos, relacionados às experiências pessoais do ouvinte, contribuem para a construção do significado que ele atribui à sua experiência musical (GREEN, 1997, p. 28-29). O conceito de significado inerente e delineado é utilizado na pesquisa de TCC como categorias para analisar os dados gerados nas entrevistas com os jovens.

3 A entrevista: um diálogo com os jovens da UNIRE

Segundo Gaskell (2002, p. 74-77), na pesquisa de TCC realizei uma entrevista grupal e uma entrevista individual. Três jovens com idade entre 18 e 20 anos participaram da pesquisa. Eles foram identificados com nomes fictícios – **Eli, Pedro e João** – para preservar suas identidades. Eli foi entrevistado individualmente, quando já havia sido liberado do cumprimento da medida. João e Pedro estavam internados e participaram da entrevista grupal. As entrevistas foram transcritas e organizadas em arquivos específicos. Foram utilizados os códigos: EI. ELI, para entrevista individual de Eli; EG. JOÃO, para entrevista grupal com João; EG. PEDRO, para entrevista grupal com Pedro; e EG. JOÃO/PEDRO, para os momentos em conjunto com João e Pedro. Quando foi necessário pontuar alguma fala minha, referenciei a mim como Pesquisador. Nas transcrições, as falas dos entrevistados foram mantidas literalmente e representam a expressão oral dos entrevistados, ainda que isso fuja à norma padrão da língua portuguesa. Entendo que a textualização dessas falas, para adequá-las ao Português correto, afastaria o leitor dos universos dos jovens participantes. Além do risco de esses jovens não se reconhecerem nas suas próprias expressões editadas.

Feito isso, a análise dos dados considerou a minha interpretação do modelo sociológico de significado musical Lucy Green. No entanto, a análise revelou alguns valores associados à música que se assemelham aos resultados apresentados por Green (2000, p. 74-77), na sua pesquisa sobre práticas informais de aprendizagem musical de músicos populares, tais como de sensibilidade, de colaboração, de amizade, de prazer e de autoestima.

4 A Música na UNIRE: Significado Musical e Valores para os Jovens

Nesta seção, falarei sobre as atividades propostas e a abordagem pedagógica adotada. Aqui trarei também informações sobre a relação dos estudantes com a aprendizagem musical e sobre o significado que eles atribuem à música.

4.1 Oficinas de música

Atualmente, o Núcleo de Música da UNIRE oferece oficinas de instrumentos musicais (piano e violão) e de produção musical e gravação. No trabalho musical nas oficinas, minha abordagem pedagógica segue pelo caminho da prática musical, fundamentado na aprendizagem musical informal: repertório de escolha dos estudantes, audição e cópia de gravações (tirar músicas de ouvido, aprendizagem por imitação entre os colegas de grupo com um mínimo de intervenção do professor), integração de audição, execução, improvisação e composição (GREEN, 2012, p. 67-68). Assim tocamos primeiramente o que eles conhecem e seguimos a partir disso, normalmente dentro dos gêneros *Funk*, *Rap*, *Sertanejo*, *Trap* e *MPB*, para, a partir disso, eu possa apresentar a eles outros gêneros, autores, ritmos. Juntos aprendemos e ensinamos música.

4.2 Significado musical e valores para os jovens da UNIRE

Nesta subseção, apresentarei os significados musicais intersônicos e delineados bem como valores identificados nas entrevistas realizadas com Eli, Pedro e João. A análise das entrevistas apresentou 3 categorias: Significados Intersônicos, Significados Delineados e Valores. Quanto aos significados intersônicos, dos jovens entrevistados, Pedro e João tiveram seus primeiros contatos com a prática musical e suas relações intersônicas nas oficinas de música. Anteriormente, eles tinham apenas experiências de apreciação musical. Por exemplo, João relata sua vivência com festas Rave:

[...] num tinha contato, assim, com instrumento, né. Mas eu frequentava festas de música eletrônica, né, aquelas *rave*. Aí, eu tinha um contato bom, assim, com a música. Si... em si, eu sempre gostei da música, né. Mas eu não tinha contato até então entrar aqui na Unidade. Aí, quando eu entrei aqui, eu tive meus primeiros contatos com os instrumentos. (EG. JOÃO, p. 3)

No caso de João, o contato prévio com a prática musical foi revelador. Na entrevista, ele destaca o momento em que viu os instrumentos em conjunto pela primeira vez:

[...] Que começou... juntar os instrumentos que é o, era o piano e violão com violino e violoncelo. (EG. JOÃO, p. 4)

Ao passo que Eli já havia tido contato prévio com práticas musicais, no caso, de canto. Ele aduz que sua

[...] relação com a música, é bem antes, uns 2 anos antes, talvez. Antes de ser apreendido, eu sempre gostei de cantar na igreja, né. [...] E aí, desde então, eu sempre gostei mesmo, sempre tive aquela vontade de cantar, né. (EI. ELI, p.1)

Para ele, participar de atividades musicais em contextos sociais como a Igreja foi relevante para a sua formação musical. Aqui, se evidencia também o significado delineado, pertencimento a uma comunidade musical religiosa, que influencia as suas escolhas e gostos musicais. Eli afirma que as oficinas de música o ajudaram a compreender elementos de técnica no canto e a resolver conceitos mal-entendidos relacionados a recursos técnicos aplicados à sua prática. Sobre isso ele comenta:

[...] a questão do... como é que você falava? Do vibrato, eu acho. Não era preciso eu fazer muito vibrato, né? E, ficou explícito também muitas coisas né, que eu achei que eu sabia, mas não sabia [risos]. Por exemplo, o falsete, né. Eu confundia muito falsete com melisma. (EI.ELI, p.4)

Eli aponta como as oficinas o auxiliaram a conhecer características de estilos musicais, como o *Rap*. Ele explana que sua experiência musical com as oficinas mudou seu olhar para o gênero musical:

[...] também me despertou certo olhar pelo Rap também, né, que eu não era muito dessa pegada e tal. E aí, vim pra Brasília também e tal, aí a gente começou estudar uns Rap também, né [...]. (EI. ELI, p.4)

Em outro momento, quando pedi que ele me mostrasse alguma música que ele estivesse ouvindo com frequência, Eli foi capaz de identificar elementos característicos do estilo *Rap* e do sub estilo *Trap*. Enquanto assistia o clipe de *Rolê de Quebrada*, dos artistas BMO e Dan Lellis, Eli apontou:

[...] a gravação ficou top, véi A letra também ficou legal. Entendeu? E a vibe deles é bem isso, né. Tipo eles tão misturando TRAP com RAP.

A partir dessas falas, eu posso identificar a capacidade que a assimilação de elementos intersônicos têm de modificar as delineações sobre as obras musicais. Eli, que vinha de um contexto musical religioso, não era próximo do gênero *Rap*. No entanto, o estudo de elementos musicais desse gênero determinou uma mudança na sua forma de ver esse gênero musical. Ele passou a entender melhor o estilo e a gostar do gênero, a ponto de compor sob a denominação *Rap*.

Na segunda categoria, significados delineados, destaca-se o contato anterior e durante as oficinas de Eli com a música, o que permitiu que ele se conectasse a ela por meio de um vínculo social muito sólido. Ademais, para ele a música o conectou com um propósito de vida, que seria ter uma possibilidade de se esquivar do contexto de cometimento infracional. Malgrado alguns fatores que dificultaram a sua permanência nas oficinas de música, ele não desistiu. É o que se depreende da sua afirmação:

(...) fui me interessando mais em questão de aprender, além de tudo, né, que acontecia os meninos falavam (...) umas coisinhas lá. E eu nunca desanimei por conta disso porque eu sempre tive o amor mesmo pela música. (...) (Eli. ELI, p. 2).

E acerca da música como projeto de vida ele conta com animação sobre a gravação que fez enquanto estava na internação, ao dizer:

[...] foi muito aproveitador, né, pra mim. No entanto que, através dessa gravação, que foi a minha primeira música e tal, que surgiu minha primeira música. E eu tô tocando, né. E vamos lançar ela aí, né, e vamos ver o que vai dar. (Eli. ELI, p. 19)

João também compartilhou uma reflexão sobre como a música o ajudava a focar nos seus objetivos e pensar de modo diferente:

[...] Aqui [...] antes de nós começar a fazer aula de música, nós num tinha um objetivo certo assim de vida. Nós tipo pensava numa coisa mas não focava. E nunca conseguia chegar naquele certo ponto onde nós focava. Aqui na música, não! Nós começa treinar a música do começo, de tanto nós treinar, de tanto nós treinar, ser persistente, nós consegue chegar num ponto que a gente consegue tocar a música toda. Isso, tipo, é um exemplo pra mim de vida. Isso é meio que uma comparação da música com a minha vida. (EG. JOÃO, p. 14)

Os jovens também relatam elementos musicais delineados e valores (sentimentos, sensações, estados de espírito e outros).

Quanto aos valores, os jovens referem que sentiam prazer nas práticas musicais. Perguntei o que eles mais gostaram nas atividades e João conta:

[...] uma aula que marcou... não só uma aula, que foi também a apresentação, que foi sobre aquela música lá "O Homem na Estrada", que é Racionais com Tim Maia, né, que conta um pouco sobre a trajetória de um homem que começou de um jeito que é... tinha as... o que tinha na vida dele era a favela, tudo de ruim. Mas, mesmo assim, ele continuou seguindo a estrada da vida dele. (EG. JOÃO, p. 8)

Fica nítido como foi prazeroso para João aprender música a partir de uma obra que é do seu interesse e que traz uma mensagem com que ele se identifica. De forma semelhante, Pedro se arrisca a descrever o que sente quando tem contato com práticas musicais ao narrar um sentimento de liberdade:

[...] Tu vem pa aula de música aqui, tu pegar num teclado desse, pegar num violão desse... parece que dá uma felicidade assim... por dentro da pessoa, muito... pessoa tipo se solta, [...] mesmo que teja privado da liberdade. (EG. PEDRO, p. 9)

Entendo que o estudo musical oferece ferramentas que permitem aos jovens olhar de forma crítica para suas práticas e performances. Como também acredito que a partir das oficinas eles puderam elevar a autoestima e ressignificar suas trajetórias para um novo caminho de autovalorização e de reconhecimento público por suas ações positivas. Emergem, então, tanto valores quanto delineações do significado musical relativos à autocrítica, autovalorização e reconhecimento.

Em certo momento da entrevista, assistindo ao vídeo de uma apresentação em grupo, Eli é capaz de reconhecer que a performance foi boa, apesar de avaliar que poderia ter cantado diferente ao ver a gravação. Ele relembra esse fato na entrevista:

[...] Ah, nesse dia, eu gostei, é, da apresentação em si, né. Que nós não fomos mal, né, [...] mas, agora revendo, eu num cantei muito bem, não! Não gostei de me ver cantando não [voz com tom de riso]. (Eli, p. 9)

Uma outra apresentação trouxe para Eli o sentimento de autovalorização que se relaciona com o reconhecimento obtido com a apresentação do trabalho musical coletivo. Entendo que o reconhecimento expresso aqui se relaciona tanto com a resposta positiva do público sobre a performance musical, quanto com a oportunidade de ocupar um espaço valioso e confortável para apresentar seu trabalho. Como se o espaço conquistado fosse uma consequência de seu esforço. É o que se depreende da fala em que ele diz:

[...] o espaço tava confortável pra gente cantar. As pessoas não... é eu vou falar a real, eu acho que as pessoas não nos olhavam com um olhar assim de discriminar ou de julgar, entendeu? E eu pude perceber isso. Principalmente, quando eles vieram nos cumprimentar, porque foi a única apresentação que todos, acho que a maioria, né, não vou dizer todos porque não tenho certeza, que foi nos cumprimentar. [...] do nada, chegou um monte de gente nos cumprimentando, falando: "Parabéns", tal e tal. Pelo menos, reconheceu, né, que nós, é, ensaiamos, nós trabalhou, né, pra chegar nessa apresentação. Então, acho que muita gente gostou, diferentemente das outras, né. Por isso que eu tô falando, com esse olhar, não nos olharam daquela forma como sempre, discriminados. (Eli, p. 9)

Compartilharam dessa opinião João e Pedro, que também estavam presentes nessa apresentação específica. Seguindo na ideia de Eli, eles também referem o sentimento de autovalorização e de prazer pelo reconhecimento. Ao ver em vídeo a performance do grupo com a canção "Sabiá", de Luiz Gonzaga, João se surpreende:

[...] Rapaz! A música ficou boa desse jeito? (EG. JOÃO, p. 16)

Ao que Pedro arremata:

[...] a música é boa, né. Mas o que ficou bom foi o nosso talento e nosso aprendizado, né. (EG. PEDRO, p. 16)

E o reconhecimento, mais uma vez relacionado com a elevação da autoestima, é demonstrado nas falas sobre essa apresentação. João, com ajuda de Pedro, relembra:

João: [...] Nesse dia o que me chamou atenção, assim, era que tinha muita pessoa, né [...]. Pessoas, assim, importante, né.

Pedro: Que veio, cumprimentou. Elogiou!

João: Pessoas, assim, que tava dando uma atenção, [...] assim, direta pra nós, né. E até me deixou um pouco nervoso. (EG. JOÃO/PEDRO, p. 16)

Em momento anterior na entrevista, João externa a reflexão gerada por sua participação em outro evento apresentando seu trabalho. Ele traz:

[...] aí foi quando eu pude, assim, olhar pra mim, assim, e me enxergar, assim, e falei: "É... num posso ser só aquele menino, aquele menor infrator que eu era antes, que só usava a mente pa fazer coisa errada. Posso usar minha mente pa fazer as coisa certa, né. Tô aqui hoje apresentando, aí, o que eu aprendi, aí, pra muita gente importante. [...] po deputado, né, e secretários [...]." (EG. JOÃO, p. 10)

Pedro, por sua vez, expõe que a música lhe deu algo de valioso a ser mostrado às pessoas, quando externa a sua vontade de

[...] Mostrar o que eu aprendi, entendeu? Uma hora ter um teclado ali, parado ali, chegar nesse teclado ou então chegar nesse violão, pã. Pegar. Mostrar. A pessoa: "Ué, cê sabe tocar? Aprendeu onde?" Aprendi no centro de internação, na unidade UNIRE. (EG. PEDRO, p. 20)

O orgulho em mostrar o que se aprendeu e a vontade de seguir em práticas saudáveis, a meu ver, estão fortemente conectados com as delineações de reconhecimento para o significado musical atribuído a partir das experiências com as apresentações públicas, principalmente externas ao ambiente da internação. Isso porque o ato de sair de uma unidade de internação para tocar música, por si só, representa reconhecimento para esses jovens. Se relaciona diretamente com seu merecimento. Como se observa na seguinte fala de Pedro, ao relatar:

[...] foi uma oportunidade que nós ganhou de ir nesse lugar, apresentar. Mostrar o nosso talento. E essas pessoas toda que tava presente veio e abraçou nós. Tipo... mostrou até uma felicidade pra nós. Deu uma alegria pra nós [...] nós pensando que [...] pra essas pessoas nós era uma pessoa... má influência, isso e aquilo mais..., né... tipo uma pessoa errada, que num ia mudar, isso e aquilo mais. Elas viu que no fundo do nosso coração, na nossa mente nós num era aquelas pessoas. [...] E essas pessoas deu muita felicidade. Veio, abraçou nós. Conversou com nós. Tiramo muitas foto. Foi um dia muito feliz, muito importante na minha vida. (EG. PEDRO, p. 12)

João complementa o raciocínio de Pedro ao lembrar dessa ocasião:

[...] na hora lá que acabou a apresentação todo mundo veio pra tirar foto com nós, né.

Pedro: Aplaudiram!

João: Tipo assim porque tem pessoa que olha assim: “Ah! É do... é do sistema socioeducativo! É bandido! É menino mau, que tem a mente ruim. Só vai fazer o que não presta, vai ser errado por resdvida. Não! Tipo as pessoa que tava lá com nós aquela hora, demonstrou... olhou pra nós de outra forma! Tipo isso! Veio e demonstrou coisa diferente do que muita gente pensa, né. (EG. JOÃO/PEDRO, p. 13)

Se para Pedro o simples fato de ser aplaudido já é digno de ser memorado, mais digna ainda é a ressignificação aos olhos do público, por ele ser um jovem em cumprimento de medida socioeducativa recebendo as palmas ao fim de um concerto.

Por fim, sobre as delineações musicais extraídas das mensagens contidas nas letras de músicas, é importante destacar como Pedro e João receberam a mensagem da letra de *Sabiá*, cuja apresentação foi mencionada anteriormente. Quando foi perguntado o que mais lhes chamou a atenção nessa música, a resposta de João foi imediata:

[...] Liberdade! Pássaro! Sabiá! (EG. JOÃO, p. 20)

Pedro logo explica com suas palavras a resposta do colega:

[...] Um passarinho ele é livre, né. Ele voa pra todo lado. E tipo, essa música demonstra muito, assim, pra mim que nós pode ter essa oportunidade que nem o passarinho, ter a nossa liberdade. Ser feliz na vida, só basta nós ter esse pensamento que nós tem hoje em dia, seguir em frente com esse pensamento, não mudar essa mentalidade, [...] penso muito quando eu chegar lá fora, eu vou chegar nos meus irmãos, que eu tenho 5 irmão, chegar nos meus irmãos, vou chegar nos meus primos, nas pessoas, vou falar: Eu fui parar naquela unidade, na unidade do Recanto das Emas. Aprendi isso, aquilo [...]. (EG. PEDRO, p. 20)

O significado musical dos jovens das oficinas de música da UNIRE, seja por seu elemento intersônico, ou pelo delineado, demonstra a importância das oficinas de música em medidas socioeducativas.

5 Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo geral investigar como os jovens em medida socioeducativa na UNIRE percebem a sua experiência musical nas oficinas de música. Os objetivos específicos visaram: identificar quais significados podem estar relacionados às práticas musicais; observar até que ponto o domínio dos elementos musicais pode gerar novos

significados e descrever atitudes e valores que emergem das práticas musicais nas oficinas. Por meio de uma interpretação pessoal do conceito de significado musical de Lucy Green (1997), os resultados revelam que os jovens percebem significados intersônicos, significados delineados e atitudes e valores relacionados à experiência musical nas oficinas de música.

Com relação ao objetivo específico, identifiquei a significados intersônicos relacionados com técnica vocal e instrumental, arranjo, estruturação de estilos musicais e forma musical. Ademais, identifiquei elementos delineados e (ou) valores de conexão com a música, de propósito de vida, de distração, de prazer, de potencial terapêutico, de sentimentos e emoções, de autocrítica, de autovalorização, de reconhecimento e de identificação com mensagens nas letras de canções, dentre outros.

Dentre os benefícios relatados na literatura, destaco a constatação de que a afirmação do significado intersônico é capaz de alterar as delineações sobre determinada música. Essa foi a maior lição deste trabalho e um dos mais valiosos achados. Chama a atenção também o potencial que a educação musical tem de influenciar a qualidade das relações institucionais dentro de uma unidade de internação. Para além disso, identificar o significado musical veio a servir como recurso para dar voz aos socioeducandos.

Finalmente, considero esta pesquisa um importante balizador das práticas adotadas pelo Núcleo de Música da UNIRE, no sentido de orientar a manutenção de práticas de aprendizagem musical informal, mas com a consciência de que os significados musicais intersônicos e delineados se entrelaçam, para reforçar, atenuar ou até mesmo anular um ao outro.

Referências

GASKELL, George. Entrevistas Individuais e Grupais. In: GASKELL, George; BAUER, Martin W. (ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Cap. 3. p. 64-89. Tradução de Pedrinho A. Guareschi.

GREEN, Lucy. Pesquisa em Sociologia da Educação Musical. *Revista da ABEM*, [s.l.], v. 4, n.4, p. 25-35, 1997.

Disponível em:

<http://abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/483/393>. Acesso em: 26 jan. 2020.

_____. Poderão os professores aprender com os músicos populares? *Revista Música, Psicologia e Educação*, Porto, n. 2, p. 65-79, 2000.

_____. Ensino da música popular em si, para si mesma e para “outra” música: uma pesquisa atual em sala de aula. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 20, n. 28, p. 61-80, 2012. Disponível em: <http://www.abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/104>. Acesso em: 29 abr. 2021.